

Presidente exalta a Sarney vida e prega a paz. Discurso

Brasília — “Viva a vida. Abaixo a violência.” Com estas palavras, o Presidente José Sarney encerrou ontem seu discurso no Palácio do Planalto, durante a solenidade em que recebeu do Ministro da Justiça, Fernando Lyra, o documento sobre o **Mutirão contra a Violência**, que prevê, nos próximos 12 meses, a aplicação de Cr\$ 1 trilhão 500 bilhões em todo o país. Estes são os principais trechos do discurso do Presidente Sarney:

(...) “A violência está desfigurando o Brasil, corroendo nosso estilo de vida, ameaçando a fisionomia de uma pátria de irmãos. Todos temos o direito à paz. O direito de não ter medo do outro, o direito de ter as janelas abertas para o jardim e a porta franca a quem chegar. O direito de fazer amigos entre desconhecidos e o de não temer as ruas cheias da multidão anônima, ou vazias da noite. Todos nós temos o direito de não ter medo do medo.”

“O homem brasileiro é cordial, e disso deram conta todos os viajantes estrangeiros que conheceram as nossas cidades e percorreram os vastos sertões. Seu coração se abria, a mesa de punha, e não faltava, nas casas que se espalhavam nos ermos, o pouso para quem chamasse, pedindo abrigo. De repente, em poucas décadas, tudo mudou. Somos um povo com medo. Um povo que se sente ocupado pelas hordas de um particular apocalipse.”

“A primeira causa da violência é a ausência da liberdade. É a insegurança que a violação da lei dá e permite. O próprio estado de direito é assim a primeira garantia contra a violência, permitindo a segurança individual”... “A segunda grande causa da violência está também intrinsecamente ligada à liberdade. Não à liberdade política, mas às liberdades a que me referi em meu discurso à Nação: a liberdade de não ter fome, a liberdade de ter educação e saúde. Liberdade cuja ausência cria as condições de desrespeito pela liberdade dos outros, já que uma estrutura social injusta não ensina aos injustiçados respeitar suas regras e suas leis”.

“Determinei ao Ministério da Justiça que convocasse a sociedade inteira a este mutirão pela paz. Empenhamos os recursos e a vontade do Governo nesta empreitada. Queremos que todos os cidadãos integrem a nova cruzada. Temos que combinar várias medidas, a fim de que as ruas sejam de novo caminhos seguros. Isso significa melhorar o padrão profissional e ético de nossos quadros policiais, dinamizar a ação da Justiça, estabelecer um sistema ágil de informações, modernizar o sistema penitenciário”.

“O Governo deve, numa ação conjugada, sociedade e governo, a nível nacional, estadual e municipal, juntar as mãos para o grande mutirão. Policiais, juizes, sacerdotes, mães e pais, órgãos de informação unam-se para essa grande tarefa. As ações devem abranger os setores repressivo e preventivo, de modo a combater os efeitos e as suas causas”.

E finalizando: “Um fanático fascista gritou certa vez a Unamuno, na Universidade de Salamanca: Viva a morte. O meu grito, o grito do povo brasileiro, é outro: Viva a vida. Abaixo a violência”.

Autor já não acha que brasileiro é cordial

O brasileiro cordial descrito no discurso do Presidente Sarney entrou para a crônica da vida do país através de todo um capítulo do livro **Raízes do Brasil**, publicado em 1936 pelo historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). Nessa obra, definida por Antônio Cândido como “um clássico de nascença” e já reeditada mais de 10 vezes, com várias traduções em outras línguas, Sérgio Buarque admite que “daremos ao mundo o homem cordial”. Segundo escreveu, “a lhezana no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal”.

Inúmeros episódios da história social e política do país — desde a morte do Bispo Sardinha, devorado pelos índios — desmentiriam a tese, que aliás não se esgotava no enunciado que lhe deu notoriedade. Sérgio Buarque já advertia de que a expressão “homem cordial”, que tomara de empréstimo ao escritor e diplomata Ribeiro Couto, era usada no sentido etimológico, não no sentido de “cordiais saudações”. Ele citava uma frase atribuída a José Maria Alkmin (“em política, o que importa não é o fato, mas a versão”) para dizer que seu pensamento foi permanentemente deturpado, a partir de uma interpretação maldosa que lhe foi dada em livro do poeta Cassiano Ricardo. Em 1977, Sérgio chegou a declarar: “Hoje, não usaria a mesma expressão, pelos mal-entendidos que ocorreram”. E mais, “Não escreveria o mesmo livro, não penso da mesma maneira de 40 anos atrás”.

FORMA DO BRASIL
- 6 AGO 1985